



MESTRADO
DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL

TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO

FUGA DE MÚSCULOS E COOPERAÇÃO ENTRE
ORGANIZAÇÕES DESPORTIVAS DE PAÍSES
LUSÓFONOS À ENTRADA DO SÉC. XXI:
O CASO DO ATLETISMO DE ALTA COMPETIÇÃO EM
PORTUGAL.

JOÃO DOS SANTOS MERÊNCIO

SETEMBRO-2012



MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL

TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO

FUGA DE MÚSCULOS E COOPERAÇÃO ENTRE
ORGANIZAÇÕES DESPORTIVAS DE PAÍSES
LUSÓFONOS À ENTRADA DO SÉC. XXI:
O CASO DO ATLETISMO DE ALTA COMPETIÇÃO EM
PORTUGAL

JOÃO DOS SANTOS MERÊNCIO

ORIENTAÇÃO:

PROFESSOR DOUTOR JOÃO ALFREDO DOS REIS PEIXOTO

SETEMBRO-2012

Agradecimentos

Agradeço à minha família, em especial à Dona Helena Ndayanale, minha mãe, pelo apoio incondicional tanto no meu percurso acadêmico como desportivo.

Agradeço ainda à *família* atletismo. Pelas experiências vividas em conjunto: as vitórias, as derrotas e pelo sentimento de pertença proporcionado, sem esquecer a disponibilidade, suporte e importante contribuição para este trabalho.

Por último, mas não menos importante, um obrigado ao meu orientador, o Professor Doutor João Peixoto, pelo interesse manifestado, desde início, pelo tema sem esquecer a disponibilidade e apoio, especialmente no *sprint* final desta *prova*.

Glossário de abreviaturas

COP – Comité Olímpico de Portugal

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

EUA – Estados Unidos da América

FPA – Federação Portuguesa de Atletismo

IAAF – *International Association of Athletics Federations*

IDP – Instituto do Desporto de Portugal

ONG – Organização não Governamental

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SCP – Sporting Clube de Portugal

SLB – Sport Lisboa E Benfica

RDC – *Regional Development Center*

Resumo

O estudo das migrações e o seu impacto no desenvolvimento dos países tem tido cada vez mais importância no mundo académico, devido ao aprofundamento do processo de globalização. O tema assenta num enquadramento teórico extenso e variado, incluindo teorias micro-sociológicas, com os modelos *push-pull* e teorias do capital humano; e macro-sociológicas, com os modelos baseados na teoria do sistema mundo, sistemas migratórios e redes migratórias, possibilitando, assim, uma abordagem pluri-disciplinar e segmentada, como é no caso das migrações qualificadas.

Neste trabalho identificamos as principais abordagens teóricas das migrações internacionais e aprofundamos o tema das migrações qualificadas, entre as quais as migrações dos desportistas, a designada fuga de músculos. Neste seguimento descrevemos o atletismo de alta competição em Portugal no século XXI; o contributo dos atletas com origem na imigração, ao nível de participação em competições internacionais e fixação de recordes nacionais; e realizamos uma classificação desses atletas segundo os principais tipos (segunda geração, geração 1,5 e fuga de músculos).

Com base nas teorias identificadas, são também analisadas as determinantes do fenómeno migratório dos atletas. Estas determinantes têm um cariz macro-sociológico, devido à existência do sistema migratório lusófono; e micro-sociológico, dadas as múltiplas determinantes pessoais, sociais e económicas envolvidas. Em adição, são identificadas as áreas de cooperação entre as organizações desportivas dos países lusófonos ligadas ao atletismo e a contribuição dos atletas para o desenvolvimento da modalidade nos países de origem. Terminamos com a recomendação da adopção de uma taxa de direito de compensação por valor desportivo, de forma a compensar a perda de capital humano dos países menos desenvolvidos.

Palavras-chave: teoria das migrações, migrações qualificadas, desporto, atletismo, fuga de músculos, cooperação, desenvolvimento.

Abstract

The study of migration and its impact on developing countries has gained increasing importance in the academic world, due to the deepening of the globalization process. The theme is based on an extensive and varied theoretical framework, including micro-sociological theories, with the push-pull models, and theories of human capital; and macro-sociological, with models based on the world-system theory, the migration systems and migration networks, thus enabling a multi-disciplinary and segmented approach, as the case of skilled migration.

In this paper we identify the main theoretical approaches to international migration and deepen the theme of skilled migration within which the migration of sportsmen, so called muscle drain. Following this we describe the high-level athletics in Portugal in the XXI century; the contribution of athletes resulting from immigration, both by the level of participation in international competitions and by setting national records; we also categorize these athletes according to their type (second generation, generation 1.5 and muscle drain).

Based on the identified theories, we also analyzed the determinants of athlete's migration. These determinants have both macro-sociological nature, with the existence of lusophone migration system, and micro-sociological determinants with multiple personal, social and economic. In addition, we identify areas of cooperation between sports organizations of lusophone countries linked to athletics and also athlete's contribution to the development of the sport in their countries of origin. We finalize by suggesting the adoption of a compensation for sporting value tax, to reimburse the loss of human capital of less developed countries.

Keywords: migration theory, qualified migration, sports, athletics, muscle drain, cooperation, development.

Índice

1. Introdução	6
2. Enquadramento teórico	10
2.1. Teorias sobre migrações.....	10
2.1.1. As teorias micro-sociológicas	11
2.1.2. As teorias macro-sociológicas.....	12
2.2. Migrações qualificadas.....	14
2.3. Migração de desportistas	15
3. Compreendendo o atletismo.....	20
4. O atletismo de alta competição em Portugal e a imigração.....	22
4.1. Selecções Nacionais na Taça da Europa/Campeonatos da Europa de Equipas.....	23
4.2. Recordes de Portugal de Ar Livre alcançados por atletas de origem estrangeira e títulos internacionais no séc. XXI	25
4.3. Jogos Olímpicos – Londres 2012	26
4.4. Tipologia dos desportistas imigrantes da selecção nacional	27
5. Determinantes do fenómeno.....	29
5.1. Sistema migratório lusófono	29
5.2. Motivações pessoais, sociais e económicas	32
6. Áreas de cooperação entre as organizações/instituições desportivas lusófonas.....	38
6.1. Cooperação <i>top-down</i> ou <i>bottom-up</i>	39
6.2. Cooperação entre atletas e os países de origem	44
7. Conclusões e recomendações	46
7.1. O direito de compensação por valor desportivo	47
Referências bibliográficas	49
Anexo 1	53
Anexo 2	54
Anexo 3	55
Anexo 4	56
Anexo 5	57
Anexo 6	58

"O importante é termos um rumo sobre o que queremos dentro de 10 anos (...)" "Se queremos 10 ou 11 medalhas, rápidas, então temos de mudar de caminho. Há muitos atletas africanos que querem vir para a Europa e as medalhas aparecem."

Vicente Moura – Presidente do Comité Olímpico de Portugal

09-08-12

1. Introdução

A minha ligação e paixão pelo desporto¹ são extremamente fortes. Lembro-me de em criança ver imagens da prova dos polémicos 100 metros planos, nos Jogos Olímpicos de Seul, e imaginar-me a correr tão rápido como *aqueles atletas*. Finalmente aos 14 anos iniciei a prática da modalidade (atletismo) e, apesar de nunca ter conseguido correr tão rápido como *aqueles atletas*, posso afirmar ter tido uma carreira bastante rica, representando grandes clubes nacionais, tal como a selecção nacional portuguesa.

Actualmente o meu interesse para com o desporto continua, não como atleta mas sim como aspirante a treinador e, tendo em conta a minha formação de base, as ciências sociais, também como investigador do impacto do desporto na sociedade em geral. Daí deriva esta dissertação. Durante o percurso académico, mais concretamente na cadeira de Demografia, tomei contacto com matérias relacionadas com as migrações de indivíduos altamente qualificados dos países subdesenvolvidos para os países desenvolvidos, fenómeno este que ficou cunhado como *brain drain* (fuga de cérebros), bem como o seu impacto, tanto nos países emissores, como nos países receptores.

¹ Por desporto refiro-me mais concretamente ao atletismo.

Este facto despertou a minha curiosidade por outro tipo de migrantes altamente qualificados, ou melhor, altamente dotados: os desportistas, mais concretamente, praticantes de atletismo. Quando vi os Jogos Olímpicos pela primeira vez, a única imagem que retinha era a dos atletas a competirem, sem dar importância às cores dos equipamentos que envergavam nem à sua origem étnica. Hoje em dia, por motivos óbvios, este facto não me poderia passar despercebido. Assim, decidi aprofundar esta matéria. Após alguma pesquisa deparei-me com obras que evidenciam outras variantes de *drain* mas associadas ao desporto, nomeadamente o *muscle drain* (fuga de músculos), de Andreff (2006:312):

“One major consequence of sports underdevelopment and lower sports performance in developing countries is the so called ‘muscle drain’ of talented third world athletes (players) to developed countries”

Tendo percepção da importância que os atletas *issus de l’immigration*², ou seja, com origem na imigração, têm para o desporto nacional, decidi explorar este território.

À semelhança de outros países europeus, Portugal tem obtido protagonismo nas grandes competições desportivas internacionais devido, em parte, ao seu passado colonial. Este passado tem permitido o desenvolvimento e/ou recrutamento de talentos desportivos, tanto pela incorporação dos descendentes dos fluxos migratórios com origem nas ex-colónias portuguesas, tal como pela designada *fuga de músculos*. Naturalmente, o protagonismo é rentabilizado, permitindo o financiamento das organizações desportivas portuguesas, o desenvolvimento das infra-estruturas, a

² No contexto francês, o termo *issus de l’immigration* refere-se principalmente à população com origem Magrebina, mas tem-se estendido a outros grupos étnicos.

formação de quadros, a melhoria das condições da prática desportiva e o desenvolvimento económico.

Inversamente, os países de origem dos desportistas naturalizados (bem como aqueles de onde se originaram os fluxos migratórios), ficam à margem do protagonismo e dos benefícios adstritos, visto não poderem rivalizar com as condições oferecidas pelo país de destino. Consequentemente, a perda de capital humano, financeiro e talentos desportivos é contínua, levando à estagnação do desenvolvimento desportivo, económico e social daqueles países.

Pretende-se com este trabalho analisar o contributo que os atletas com origem nas ex-colónias portuguesas têm para com o desporto (atletismo) português e tentar perceber se existirá algum tipo de reciprocidade, cooperação e/ou contrapartidas entre as organizações desportivas dos países envolvidos no processo. Em adição, pretende-se compreender as motivações que levam ao fluxo migratório e ao fenómeno da *fuga de músculos*. Por fim, tentar-se-á apresentar soluções que permitam aos países de origem retirarem algum benefício da perda do seu capital humano, de modo, a que se invista no desenvolvimento socioeconómico do país.

A metodologia de investigação utilizada nesta dissertação passou, numa primeira fase, pela análise documental. Foi efectuada a consulta e análise de dados bibliográficos e estatísticos, primando-se pela diversidade das fontes. Numa segunda fase, a investigação teve, principalmente, contornos de carácter qualitativo. Foram utilizados dois métodos para recolha de dados, sendo eles a observação participante, resultante do facto do investigador fazer parte do universo em estudo, e algumas entrevistas semi-estruturadas. Os resultados obtidos através da observação participante foram obtidos,

primeiramente num período oficioso³ e posteriormente no oficial, decorrido na época competitiva nacional do verão de 2012⁴. As entrevistas semi-estruturadas foram efectuadas neste último período: elas incluíram duas entrevistas a dirigentes desportivos da FPA (Federação Portuguesa de Atletismo) e IAAF (*International Association of Athletics Federations*); duas entrevistas a treinadores técnicos nacionais; e nove entrevistas a atletas, tanto masculinos (cinco atletas) como femininos (quatro atletas). Essas entrevistas foram administradas num molde semi-estruturado, seguindo um conjunto de tópicos relevantes para a pesquisa, de modo a permitir aos entrevistados expressarem as suas opiniões e ideias.

Quanto à estrutura da dissertação, no próximo ponto iremos descrever as principais contribuições teóricas para o tema das migrações internacionais, aprofundando o tema das migrações qualificadas e, conseqüentemente, as migrações dos desportistas. De seguida faremos uma breve incursão ao desporto em análise, ou seja, o atletismo. Neste seguimento, será descrito o contributo dos atletas com origem na imigração para o atletismo português, tal como a sua classificação por tipos, seguindo-se a análise das determinantes do fenómeno. No ponto seguinte, tentar-se-á identificar as áreas de cooperação entre as organizações desportivas envolvidas no processo. Concluiremos com os principais resultados da investigação e possíveis recomendações.

³ A período oficioso refiro-me ao período em que fazia parte integrante do universo de estudo enquanto atleta, que durou até Maio de 2011.

⁴ A época competitiva de Verão começa em meados de Maio e termina no final de Julho.

2. Enquadramento teórico

2.1. Teorias sobre migrações

As teorias sobre as migrações têm subjacentes múltiplas e variadas abordagens de estudo. Peixoto (2004), numa vertente que combina a Sociologia com a Economia, efectua o estudo das migrações internacionais a partir de duas ópticas: uma individualista e outra holista. Na óptica individualista abarca conceitos socioeconómicos, tais como a racionalidade instrumental do *homo economicus*, o mercado de trabalho, o rendimento, o investimento em capital humano, o ciclo de vida, a carreira, a mobilidade social e a acção não instrumental; enquanto que na óptica holista põe em evidência as questões da segmentação do mercado de trabalho, a flexibilização, os sistemas espaciais e sistemas-mundo, os sistemas migratórios, sem esquecer o papel da sociedade na qual o indivíduo está envolto, nomeadamente através do papel das famílias, instituições, organizações, redes migratórias, enclaves étnicos, normas e imagens colectivas.

O desenvolvimento das teorias sobre as migrações foi, de certa forma, atribulado, visto que, apesar da evidente importância que os fluxos migratórios tiveram na conjuntura europeia dos finais do século XIX e início do século XX, não mereceram grande atenção por parte dos teóricos clássicos. A excepção encontra-se em Ravenstein com as suas “leis das migrações”⁵ (Ravenstein, 1885 e 1889), contribuições pioneiras que abordam os fluxos internos e internacionais e das quais ficaram subjacentes as ideias da tendência migratória de áreas com maior volume populacional para áreas de

⁵ Para consulta das “leis das migrações” ver (Peixoto 2004: 4)

menor volume populacional, de zonas com maiores níveis de pobreza para zonas com menores níveis de pobreza.

O estudo das migrações não se restringe a uma área do saber, demonstrando uma heterogeneidade de enfoques e multidisciplinaridade que se estende da sociologia, à economia passando pela geografia (humana) socorrendo-se das outras áreas do saber. No entanto, como salientado por Peixoto (2004:3),

“As desvantagens da terra de ninguém têm sido, sob uma outra perspectiva, as vantagens da interdisciplinaridade”

2.1.1. As teorias micro-sociológicas

As teorias micro-sociológicas dão especial atenção ao agente individual, o *homo aeconomicus*. Os indivíduos são agentes racionais, capazes de ordenar hierarquicamente as suas preferências e de realizar cálculos lógicos, conjugando todas as alternativas possíveis, com o objectivo de maximizar a utilidade de suas escolhas, que se manifestarão no seu bem-estar individual. Tem-se, como pressuposto, que os agentes possuem informação perfeita sobre as diferenças de rendimento entre a sua região os possíveis locais de destino. Estas teorias estão enquadradas em dois paradigmas fundamentais: o modelo *push - pull* (repulsão -atração) e o modelo do capital humano.

No modelo *push – pull*, é evidente a intenção do agente alterar a sua condição, designadamente a económica, e a decisão de embarcar numa experiência migratória está dependente do resultado que prevê obter do movimento migratório, que deverá ser positivo e normalmente monetário. O agente optará por destinos onde as suas aptidões

peçoais, possam ser mais produtivas. No cálculo racional desenvolvido pelo migrante, este levaria em consideração o rendimento que irá obter e os custos associados à deslocação⁶.

O modelo do capital humano também tem inerente a relação custo/benefício, mas numa escala mais ampla. O agente avalia racionalmente os custos e os benefícios das suas várias actividades e hábitos. Desta forma, os investimentos feitos pelo agente na sua educação, formação profissional e na aquisição de outros conhecimentos dependerá da relação entre os benefícios futuros que espera receber destes investimentos e os custos associados aos mesmos (Becker, 1993). Neste seguimento, o acto de imigrar estará sujeito ao mesmo tipo de raciocínio, tal como outras decisões no seio familiar⁷.

2.1.2. As teorias macro-sociológicas

Ao nível macro-sociológico, também são diversas as novas abordagens de estudo. Estas centram-se na acção dos factores de tipo colectivo ou estruturante, que por sua vez vão moldar as decisões migratórias dos agentes. Os factores colectivos remetem-nos para o papel dos sistemas e da sociedade (redes, família e outras instituições) no processo das decisões migratórias.

Das abordagens macro, há que destacar o contributo da teoria do sistema mundo de Wallerstein (1979, 1986)⁸, que tem sido utilizada e adaptada por vários autores, de entre os quais o trabalho de Petras (1981), em que o sistema mundo é descrito como

⁶ Entres os quais custos da viagem, sustento, aprendizagem de novo idioma, adaptação, criação de novos laços sociais, etc.

⁷ Nomeadamente o casamento, divórcio, planeamento familiar, etc.

⁸ Peixoto (2004)

sendo um “mercado de trabalho global”, no qual a existência de *zonas salariais* (*wage zones*) múltiplas e diferenciadas constitui o principal motivo dos fluxos migratórios. Simplificando, as zonas salariais dividem-se em *zonas centrais* (ou desenvolvidas), com salários elevados mas com grande sede de mão-de-obra e *zonas periféricas* (ou em desenvolvimento) pautadas por salários baixos e excesso de força de trabalho. Destas disparidades resultam os catalisadores da migração que, apesar de resultarem de forças estruturais macroeconómicas, estão intimamente ligadas com as teorias micro-sociológicas, nomeadamente os modelos *push-pull*.

Não menos importante é a abordagem dos sistemas migratórios⁹ (Kritz e Zlotnik, 1992). Segundo esta teoria, os fluxos migratórios resultam de contextos históricos excepcionais que adquirem uma dinâmica interna única que lhes permite obter o estatuto de sistema migratório. Esta abordagem agrupa um conjunto de países ou regiões que geram fluxos migratórios entre si. Cada sistema migratório tem uma dinâmica única derivada de um contexto histórico e/ou conjuntural interligado com outros fluxos (comerciais, políticos, etc.) de carácter temporal contínuo.

Por último, mas não menos importante, temos as teorias das redes migratórias que demonstram que os fluxos migratórios estão dependentes, não da racionalidade do agente e decisão individual, mas sim da sua inserção em redes familiares, étnicas e/ou de conterrâneos, e até mesmo de agentes promotores da imigração, das quais os migrantes obtêm informação, oportunidades e suporte no que diz respeito à deslocação e permanência no destino. Esta abordagem dos fluxos migratórios torna-se fundamental para complementar algumas das abordagens anteriores, isto porque estas redes contribuem para uma “racionalidade limitada” (Peixoto 2004:30), derivada da

⁹ Esta teoria será mais desenvolvida no ponto 5 com a caracterização do sistema migratório lusófono.

informação que brota das redes migratórias. Em adição, com excepção dos fluxos impulsionados pelos agentes promotores de imigração, não são moldadas exclusivamente pelos ciclos económicos, mas sim por outros factores que lhes conferem rigidez e continuidade, nomeadamente a reunião familiar.

Em forma de conclusão pode-se afirmar que nenhuma das abordagens consegue, por si só, abranger todas as *nuances* e facetas deste fenómeno tão complexo e plurifacetado como é o dos fluxos migratórios. O ideal será a comunhão das diversas abordagens, de forma a se conseguir uma visão mais concreta do fenómeno.

2.2. Migrações qualificadas

Para além das abordagens acima referidas, o estudo dos fluxos migratórios pode ser estratificado e concentrado em classes específicas, de modo a que se obtenha uma visão mais precisa da composição dos agentes desses fluxos. Uma das opções será o estudo das migrações qualificadas. Apesar da pertinência do tema e de as comunidades imigrantes qualificadas terem cada vez mais expressão a nível global, o seu estudo é iniciado, a nível internacional, nos anos 60 do séc. XX (Góis e Marques, 2007:34), por iniciativa da *British Royal Society*, ao analisar os migrantes qualificados que partiam do Reino Unido para os Estados Unidos da América (EUA), incidindo, desta forma, apenas na migração entre países desenvolvidos. Teve assim origem o conceito de *brain drain* (fuga de cérebros).

O conceito de *brain drain* é rapidamente apropriado pelas teorias do desenvolvimento, mais concretamente pelas teorias da dependência e a saída dos

indivíduos mais qualificados dos seus países de origem é tida como mais um entrave ao desenvolvimento, se não mesmo como elemento chave na perpetuação do subdesenvolvimento. As teorias do capital humano de Theodore Schultz (1960) e Gary Becker (1964) abriram a “Caixa de Pandora” relativamente ao *brain drain*. Jagdashi Bhagwati (Bhagwati, 1976; Bhagwati e Hamada, 1974; Bhawati e Rodriguez, 1975) foi um dos grandes defensores da perspectiva. A par deste autor temos outras investigações (Berry e Soligo, 1969; Castles e Miller, 2003; Lucas, 1988; Romer, 1986) cujas posições assentam numa total negatividade para com o *brain drain*. Na sua óptica o fenómeno não contribui, de qualquer forma, positivamente para os países de origem.

Actualmente, a visão negativa da fuga de cérebros tende a dissipar-se com o surgimento de novos estudos que demonstram os efeitos positivos do fenómeno, visto que os indivíduos em causa podem contribuir para o país de origem com o envio de remessas, investimentos e, numa última fase, o regresso do próprio indivíduo. Neste seguimento, o *brain drain* passa a ser abordado como benéfico, tanto para os países de origem como para os países de destino. Foi também dado ênfase a novas formas de migração qualificada (de definitiva a temporária), algo já evidenciado por Ladame (1970) e recentemente confirmado por Findlay (1996), Peixoto (1999) e Straubhaar (2000), que se referem a circularidade dos indivíduos e bilateralidade entre os países.

2.3. Migração de desportistas

Por força da globalização, a migração é cada vez mais um fenómeno a ser levado em conta, visto que este tem implicações em todas as camadas da sociedade. O desporto

não é excepção. Ver desportistas a competir no estrangeiro não é um fenómeno recente nem tão pouco anormal. No entanto o fenómeno tem atingido proporções como nunca vistas, e adoptado contornos sem igual, principalmente quando falamos de atletas que mudam de nacionalidade em troca de benefícios monetários. Conforme Goff (2006:1),

“The charge is led by Qatar, followed closely by Bahrain...Rather than trying the old fashioned way of cultivating home-grown talent, they just buy it in. Millions of petrodollars have been dangled in front of top athletes from poor countries to entice them to switch allegiance to the tiny desert nations.”

A migração dos desportistas tem sido cada vez mais alvo da atenção dos académicos. Apesar de outros desportos também serem afectados por este fenómeno, o estudo da migração no desporto é, na maior parte das vezes, direccionado ao futebol. Isto deriva da importância do futebol no plano internacional, da percepção do impacto que se tem sobre os estrangeiros que actuam nas principais ligas mundiais, e da própria organização e estrutura institucional deste desporto. No entanto, é preciso dar-se cada vez mais atenção à migração de desportistas noutras modalidades. A migração no desporto leva ao surgimento de novos desafios para as instituições políticas e desportivas dos países envolvidos. O estudo aprofundado do fenómeno permitirá a criação e implementação de medidas que visarão a protecção dos desportistas, dirigentes, clubes, associações e até mesmo Estados.

São já vários os estudos que incidem sobre a matéria das migrações no desporto. É de destacar Bale (1991), como uma das primeiras obras a incidir sobre a temática das migrações no desporto e onde é utilizado o termo *brawn drain*, relativamente à

contratação de atletas estrangeiros por universidades norte-americanas¹⁰. Para além de criticar a contratação e atribuição de bolsas a atletas estrangeiros em detrimento dos atletas americanos e as consequências desta acção, o autor também expõe a tendência dos atletas renunciarem à sua nacionalidade a favor da americana. Os seus países de origem, tanto por questões económicas como por limitações no sistema desportivo, não conseguem rivalizar com as condições oferecidas pelos EUA.

“The international recruitment and migration of sports talent is but part of the widespread interaction among members of different nations in what is an increasingly interdependent and shrinking world...One subject of such skilled international migrants is the large number of foreign student-athletes going to American universities and colleges; it is this ‘brawn...” (Bale, 1991:4)

Para ilustrar esta situação podemos dar o exemplo da atleta portuguesa Patrícia Mamona, recentemente medalhada nos Campeonatos da Europa de Atletismo em Helsínquia (2012)¹¹. Para além de ser uma atleta com origem na imigração, estuda e representa, desde 2008, a Universidade Clemson, no estado americano da Carolina do Sul.

Outro dos autores que mais tem contribuído para o aprofundamento da temática é Andreff (2001; 2002; 2005; 2006). Para além colocar em evidência a ligação do *muscle drain* com o subdesenvolvimento, propõe a implementação da que designa “Coubertobin tax”¹², de modo a regular a mobilidade dos desportistas, principalmente

¹⁰ Sob alçada da National Collegiate Athletic Association (NCAA), as universidades participam nas mais diversas competições desportivas, na busca de prestígio nacional.

¹¹ Na mesma prova foi batido o recorde nacional do triplo salto com a marca de 14,52 metros.

¹² Coubertobin deriva da aglutinação de Coubertain de, Pierre de Coubertain, pai do Jogos Olímpicos modernos, e Tobin, de James Tobin, Nobel da Economia. A taxa deriva da junção do ideal Olímpico, em

quando se trata de menores. O seu trabalho está vocacionado, principalmente para o futebol.

Na literatura francesa também encontramos contributos importantes para o tema da migração no desporto. Um dos principais contribuidores é Poli (2004; 2007; 2010). O seu trabalho concentra-se, também, nas migrações no futebol, mas principalmente sobre a migração das designadas camadas jovens. Aborda ainda outras questões fundamentais, tais como o cosmopolitismo e a integração dos imigrantes nas sociedades de acolhimento e a introdução de quotas, com o objectivo de se limitar o número de estrangeiros a actuar nos clubes nacionais. Dos vários países que estuda, dá o exemplo de Portugal como *assimilationiste*, em relação aos nacionais das ex-colónias.

Em Portugal o tema ainda não foi alvo de estudo aprofundado. No entanto, já foram dados alguns passos, mas mais uma vez em relação ao futebol. Nos trabalhos de Nolasco (2010:2),

“...pretende-se abordar o campo teórico relativo às migrações de futebolistas, bem como retratar este processo migratório em Portugal...”

Abre-se, assim, espaço para o aprofundamento do estudo da temática, não só no futebol como para as restantes modalidades.

que todos os países deveriam competir em circunstâncias iguais, e da Taxa Tobin, que incidiria sobre as transacções financeiras internacionais.

Mais vocacionados para o atletismo encontramos dois autores: um de génese francófona, Schotte (2006; 2007; 2008), do qual encontramos alguma investigação dedicada à temática das migrações no atletismo francês, nomeadamente com origem magrebina¹³; e Connor (2009; 2011), cujo trabalho serviu de mote para esta dissertação, visto demonstrar empiricamente a existência de ligações coloniais na migração dos desportistas e conseqüente *muscle drain* (fuga de músculos).

Em síntese, inversamente ao *brain drain* (fuga de cérebros), o *muscle drain* (fuga de músculos) não está amplamente estudado, e a literatura que abarca este tópico é ainda reduzida centrando-se principalmente nas migrações dos futebolistas. Quanto ao atletismo a escassez é ainda mais profunda, apesar de haver cada vez mais polémica em torno de atletas que mudam de nacionalidade desportiva, principalmente a favor dos países produtores de petróleo¹⁴.

¹³ A França, a nível europeu, é um dos países mais mediáticos no que diz respeito à incorporação de atletas com origem na imigração nas suas selecções nacionais.

¹⁴ Por exemplo, o atleta Stephen Cherono, de origem queniana, passou a representar o Qatar a troco de um subsídio vitalício mensal de USD1000.00, passando a chamar-se Saif Saeed Shaheen.

3. Compreendendo o atletismo

Este ponto prende-se com a necessidade de apresentação de um panorama geral do atletismo, com o objectivo de oferecer uma visão, se bem que restrita, sobre este desporto e demonstrar que o atletismo merece ser analisado através do prisma das ciências sociais. Como é de conhecimento geral, foi na Grécia Antiga que surgiram as primeiras manifestações competitivas similares ao que hoje designamos por atletismo. Sem querer tirar o devido protagonismo à civilização helénica, o atletismo moderno deve a sua existência à Inglaterra, algo que, de acordo com Cardoso (2001:8) se viria a reflectir também no atletismo português.

“Escassas três semanas depois do Clube Internacional de Football (CIF) inaugurar os seus torneios de atletismo, no seu campo em Alcântara, a festa de «*sports athléticos*» ...constituiu, para além do assinalável êxito social e desportivo, um importante passo na construção do atletismo em Portugal, pois para além de juntar os principais clubes de britânicos residentes em Portugal, permitiu o acesso do atletismo ao Velódromo da Palhavã.”

Outro dos marcos importantes na história do atletismo foi a fundação da instituição que regulamenta o desporto a nível global, a Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF)¹⁵. Criada em 1912 durante os Jogos Olímpicos de Estocolmo, por iniciativa de 17 federações nacionais, teria como objectivo a criação de um quadro competitivo que abrangesse todas as provas, a homologação dos resultados a nível global e a standardização dos equipamentos técnicos. Connor (2011:805) crítica

¹⁵ Iremos manter a sigla anglófona IAAF que deriva de International Association of Athletics Federations.

duramente o papel da organização, nomeadamente na sua acção sobre os países em desenvolvimento.

“...athletic success is tied to wealth, and the IAAF programmes offer little offset to the immense disadvantage that the developing world experiences. The IAAF is endeavoring to construct a singular, culturally homogenized sport by imposing its systems.”

A nível nacional, o atletismo é coordenado pela Federação Portuguesa de Atletismo (FPA), fundada a 5 de Novembro de 1921 sob a designação de Federação Portuguesa de Sports Atlético (Cardoso, 2001:33,34).

O atletismo é um desporto plurifacetado, tanto que na idiossincrasia norte-americana é designado por *track and field* (pista e campo). Esta vertente do atletismo abarca as corridas (dos 100m aos 10000m), barreiras, obstáculos e estafetas; os saltos verticais (altura, vara) e horizontais (comprimento e triplo); e os lançamentos (peso, martelo, dardo e disco). Para além das disciplinas que decorrem na pista e campo, existem ainda outras vertentes do atletismo. Atrevo-me a dizer que existem outros atletismos, nomeadamente a marcha atlética¹⁶, a corrida de estrada, o corta mato e a corrida de montanha, sem esquecer a variante do atletismo de pista *indoor* (pista coberta)¹⁷. Dada a complexidade e variedade deste desporto e os limites inerentes à estrutura da dissertação, este trabalho centrar-se-á apenas no atletismo, vulgarmente designado como atletismo de pista ao ar livre.

¹⁶ Apesar da marcha atlética também ser realizada em pista, as grandes competições decorrem no exterior.

¹⁷ O atletismo em pista coberta é praticado numa pista com metade das dimensões. Ou seja, em vez de ter os 400m das pistas ao ar livre, tem apenas 200 metros, e as corridas de velocidade curta (100m planos e 100m/110m barreiras) são reduzidas para 60 metros e 60 metros barreiras, tanto no sector feminino como no masculino

4. O atletismo de alta competição em Portugal e a imigração

A presença de atletas de origem africana no atletismo português não é um fenómeno recente. Desde a génese da modalidade em Portugal que podemos encontrar vários exemplos de atletas oriundos das ex-colónias, na altura províncias ultramarinas portuguesas, que desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da modalidade. Eles estabeleceram recordes nacionais, amplificaram o nível competitivo, representaram as cores nacionais nos principais eventos desportivos internacionais e, conseqüentemente, deram mais visibilidade à modalidade, tanto a nível interno como internacional. Destes atletas podemos destacar nomes como:

- Tomás Paquete - nascido em Bissau, foi o homem mais rápido de Portugal no final dos anos 40 início dos anos 50. Foi duas vezes recordista nacional de 100 metros (com 10,6 segundos) e, pelo Benfica e pela Selecção Nacional, bateu várias vezes o recorde de 4x100 metros. Foi atleta olímpico (Helsínquia 1952) e esteve nos Campeonatos da Europa de 1950 e 1954. Foi 12 vezes internacional e 18 vezes campeão nacional, em 100 m, 200 m e 4x100 m.
- Matos Fernandes – nascido em Luanda, foi internacional olímpico (Helsínquia 1952), em 1948 possuía um dos melhores resultados mundiais do decatlo, sendo também um especialista nas corridas de barreiras;
- Júlio Fernandes – nascido em Luanda, foi internacional por Portugal. Foi dos mais completos atletas portugueses, recordista e possuidor

de vários títulos nacionais. Brilhou nos Campeonatos Ibero - Americanos de 1962, em Madrid, ao ser terceiro na altura e quarto no comprimento e triplo;

- Rui Mingas – nascido em Luanda foi internacional por Portugal.

Especialista em saltos e barreiras, era o grande rival de competição de Júlio Fernandes;

- Barceló de Carvalho (Bonga) – nascido em Luanda, internacional por Portugal, entre 1966 e 1972 atinge por sete vezes o estatuto de campeão nacional e permanente recordista de atletismo;

- Mais recentemente, não posso deixar de destacar a atleta Carla Sacramento, atleta com ascendência São-Tomense, campeã do mundo em Atenas 1997 nos 1500 metros e Lucrecia Jardim, de origem angolana, internacional por Portugal, que foi medalha de bronze (100m e 200m) nos campeonatos do mundo de Juniores em Plovdiv (1990) e que ainda detém os recordes nacionais nessas disciplinas.

À entrada do século XXI, 90 anos após a fundação da Federação Portuguesa de Atletismo em 1921, que balanço podemos fazer quanto ao contributo dos atletas com origem na imigração para o atletismo português?

4.1. Selecções Nacionais na Taça da Europa/Campeonatos da Europa de Equipas

A Taça da Europa é uma competição de atletismo já descontinuada, substituída em 2009 pelos Campeonatos da Europa de Equipas, cuja estreia foi em Leiria,

Portugal¹⁸. Se observarmos os atletas portugueses participantes nas diversas provas desta competição, torna-se patente a importância que os atletas *issus de l'immigration* têm para o atletismo nacional, sendo que o grau de importância é manifestamente superior no sector feminino. Os anexos 1 e 2 apresentam os atletas femininos e masculinos, respectivamente, que representaram a selecção nacional portuguesa nas várias edições da Taça da Europa realizadas no século XXI. Sombreado a rosa (atletas femininas) e azul (atletas masculinos) estão os atletas com origem na imigração dos países africanos e a amarelo, atletas pertencentes a outros fluxos migratórios.

No sector feminino, destacamos a forte sobre-representação de atletas com origem na imigração, nomeadamente africana. A única excepção está na presença de Eva Vital, que apesar de não ter origem num país africano, nasceu e imigrou de uma região pertencente ao mundo lusófono, Macau. No sector masculino, a presença de atletas com origem na imigração não é tão evidente, pois a origem dos atletas é mais diversificada. Para além dos fluxos dos PALOP, podemos detectar fluxos europeus, com a presença de Jonas Mattes e Roman Guliy; fluxos do norte de África, com a presença de Youssef El Kalai; fluxos da África ocidental, com a presença de Francis Obikwelu; e, por último, a presença de Bruno Gualberto com origem no Brasil.

¹⁸ A ideia da Taça da Europa foi desenvolvida por Bruno Zauli, presidente do Comité Europeu da IAAF, com o objectivo de se criar uma competição onde todas as federações europeias pudessem defrontar-se numa série de provas de atletismo. Existem agora quatro divisões ou ligas, que acarretam vinte eventos para os homens e outros vinte para as mulheres. A Super Liga (Liga SPAR) e a Primeira Liga têm doze equipas cada, enquanto a Segunda e Terceira ligas juntam oito e catorze equipas, respectivamente. As classificações das equipas são apuradas considerando o conjunto dos pontos obtidos pelos atletas de ambos os sexos.

Em suma, são várias as proveniências dos atletas com origem na imigração que têm vindo a alinhar nas selecções nacionais de Portugal. No entanto, há que destacar a imensa contribuição dos países africanos lusófonos, estando em evidência Cabo Verde, principalmente no sector feminino.

4.2. Recordes de Portugal de Ar Livre alcançados por atletas de origem estrangeira e títulos internacionais no séc. XXI

O contributo destes atletas não se restringe à participação em competições internacionais, mas também à própria evolução dos recordes nacionais, nomeadamente em disciplinas técnicas. Uma vez mais o sector feminino está em clara evidência, mas há que destacar o recorde de Portugal e da Europa dos 100m (9,86 segundos) pertencente a Francis Obikwelu (ver anexo 3).

No que diz respeito aos recordes nacionais de atletismo ao ar livre, o contributo de atletas com *origem na imigração* é, sem qualquer margem de dúvida, evidente. Isso ocorre principalmente no sector feminino, em que dos 25 recordes disponíveis, 15 foram alcançados por atletas com *origem na imigração*. Esta situação não é tão notória no sector masculino, onde apenas 7 dos 25 recordes foram obtidos por atletas com origem na imigração. No entanto, há que salientar que, dos 7 recordes, 3 correspondem a medalhas em obtidas em grandes competições internacionais¹⁹.

¹⁹ Uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Sidney e duas medalhas de ouro nos Campeonatos da Europa de Gotemburgo de 2006.

4.3. Jogos Olímpicos – Londres 2012

Estando em ano Olímpico, vale a pena enunciar os atletas com *origem na imigração* inseridos no Projecto Londres 2012²⁰ no atletismo. Do total de trinta e um, dez são atletas com origem na imigração. São eles: Francis Obikwelu, Marco Fortes, Maria Leonor Tavares, Naide Gomes, Nelson Évora, Patrícia Mamona, Vera Barbosa, Youssef El Kalay e Estafeta Masculina 4x100m (três Atletas Francis Obikwelu, Yazaldes Nascimento, Ricardo Monteiro)²¹. Infelizmente, por diversos motivos, nomeadamente lesões, alguns destes atletas não puderam participar nos Jogos Olímpicos de Londres, sendo que a número de atletas com origem na imigração que participaram ficou reduzido a seis²² (Marco Fortes, Patrícia Mamona, Maria Leonor Tavares, Vera Barbosa, João Almeida, Jorge Paula²³).

Em adição, há que referir que das oito medalhas olímpicas ganhas nas Olimpíadas realizadas no século XXI, três foram conseguidas por atletas com *origem na imigração*, e sendo duas delas no atletismo (Nuno Delgado – Sidney/2000, medalha de bronze no Judo; Francis Obikwelu – Atenas/2004, medalha de prata nos 100m; Néilson Évora Pequim/2008, medalha de ouro no triplo salto).

²⁰ O Projecto Londres 2012 visou, pelos diversos critérios de integração, apoiar atletas através da atribuição de uma bolsa de apoio à preparação, tendo como objectivo uma representação de excelência nos Jogos Olímpicos de Londres 2012.

²¹ A lista completa poderá ser consultada em: <http://www.comiteolimpicoportugal.pt/atletas-olimpicos/atletas-projecto-londres-2012>

²² A lista completa poderá ser consultada em: http://www.comiteolimpicoportugal.pt/media/161193/Tabela-Atletas-Qualificados_Final.pdf

²³ Os dois últimos alcançaram mínimos de participação numa data posterior à atribuição da referida bolsa.

4.4. Tipologia dos desportistas imigrantes da selecção nacional

Em Portugal o fenómeno da fuga de músculos manifesta-se de uma forma peculiar, visto que existe principalmente uma cooptação da segunda geração de imigrantes e, também, da designada geração 1.5. Isto é, destacam-se sobretudo os jovens nascidos em Portugal, descendentes de imigrantes; e aqueles que imigraram para Portugal muito jovens, acompanhando os pais. Assim, podemos identificar três grupos distintos de desportistas de alta competição imigrantes em Portugal (ver anexo 4).

- 2ª geração: desportistas descendentes de imigrantes, que desenvolveram as suas capacidades em Portugal e competem pela selecção portuguesa (ex: Patrícia Mamona, Marco Fortes);
- Geração 1,5: desportistas nascidos no estrangeiro que imigraram para Portugal em tenra idade e que desenvolveram as suas capacidades em Portugal e competem pela selecção portuguesa (ex: Naide Gomes, Néilson Évora);
- *Muscle drain*: desportistas que imigraram para Portugal com as capacidades atléticas já desenvolvidas nos seus países de origem, mas que adquirem a nacionalidade portuguesa e passam a competir pela selecção portuguesa (ex: Francis Obikwelu; Yousef El Kalay).

Tendo em conta que a legislação portuguesa permite a dupla nacionalidade, será pertinente considerar que os atletas, principalmente os incluídos na última condição referida, detêm dois tipos de nacionalidade: a nacionalidade política, ou seja, a

nacionalidade a partir da qual o atleta exerce os seus direitos de cidadão; e a nacionalidade desportiva ou conforme Shachar (2011)²⁴ *Olympic Citizenship*, ou seja, a nacionalidade que o atleta adopta aquando da participação em competições internacionais. De acordo com os critérios da IAAF²⁵, no século XXI podemos apenas considerar ter havido seis casos de mudança de nacionalidade desportiva em benefício de Portugal (ver anexo 5). No entanto, podemos, por exemplo, destacar os casos de Roman Guliy, e Youssef El Kalay, que, nunca tendo representado os seus países de origem, escapam aos critérios e não constam na lista oficial da IAAF.

Face ao exposto podemos afirmar que, para além de uma forte presença de atletas com origem na imigração nas fileiras da selecção portuguesa, existe ainda, dentro deste universo, uma sobre-representação de atletas descendentes de imigrantes africanos lusófonos, em comparação com as restantes nacionalidades de imigrantes em Portugal, nomeadamente a brasileira e as europeias de leste. Possivelmente, esta situação deriva da maturidade e antiguidade das migrações dos PALOP para Portugal, das quais derivam segundas e terceiras gerações de maiores dimensões.

²⁴ Esta obra aborda a questão do *talent-for-citizenship exchange*, e as possíveis alterações ao conceito de cidadania.

²⁵ Com base no artº5 do Regulamento Geral de Competição da IAAF que pode ser consultado em: http://www.iaaf.org/mm/Document/06/28/26/62826_PDF_English.pdf

5. Determinantes do fenómeno

Connor (2009) demonstrou empiricamente a fuga de músculos no atletismo, e que o fenómeno está intimamente ligado às ligações coloniais. Assim sendo, podemos considerar que numa primeira fase são os constrangimentos macro-sociológicos os principais impulsionadores da migração dos atletas:

“...athletes move from the third world to the first world and... these movements are significantly influenced by a nation’s colonial heritage. France and Spain have benefited from their former colonies, whereas Great Britain has not – a result of successful sporting development in many of its key former colonies. We have demonstrated that the third world does provide essential labour to the western athletic enterprise, even with a limited data set that does not include the influence of the USA collegiate track and field enterprise.” (Connor, 2009:11)

5.1. Sistema migratório lusófono

Portugal não é excepção ao exposto anteriormente. A obra de Baganha (2009) justifica-o, através da confirmação da existência de um sistema migratório lusófono

“...the Lusophone migratory system is a well consolidated system in activity for centuries, first involving just two Lusophone countries, Portugal and Brazil, and from 1974–1975 onwards enlarged to the Portuguese speaking African countries. The system is well developed and sustained by an array of exchanges,

including exchanges of people, that are far from showing any signs of stagnation or of diminishing relevance. In fact, all types of exchanges we were able to document are rising, including migration. It is, however, possible that migration from the PALOP has reached its peak during the last couple of years, and that it will grow slower from now on, in tune with the economic down-turn Portugal is currently experiencing.”(Baganha, 2009:18)

Este sistema baseia-se na multiplicidade de diferenciais socioeconómicos existentes entre Portugal e os restantes países lusófonos, nomeadamente ao nível de salários, bem-estar, desenvolvimento e crescimento demográfico. Sendo Portugal o país com o PIB mais elevado e o mais desenvolvido, tornou-se o centro e principal recebedor dos migrantes do sistema, permitindo assim a incorporação dos atletas *issus de l’immigration*.

Connor (2009) afirma ainda que Portugal, em comparação com outras ex-potências coloniais, não beneficia dos fluxos de atletas.

“...Portugal and Germany did not receive major flows from their former colonies. This is unsurprising given the limited number of colonies that these imperial powers controlled and, in some cases, the restricted time of control (e.g., Germany losing its colonies as a result of WWI). In the case of Portugal, Brazil has become a major sporting powerhouse in its own right, mitigating the need for track and field athletes to move to Europe.”(Connor 2009:4)

Connor poderá ter razão relativamente ao facto de Portugal não ter um saldo positivo no que diz respeito à adopção de atletas já formados pelas suas ex-colónias, comparativamente com outras ex-potências coloniais. Porém, o país tem beneficiado

grandemente da relação histórica e consequentes fluxos migratórios. É um facto que alguns dos países, nomeadamente o Brasil, pouco contribuem visto este país ser, por si só, uma potência desportiva. No entanto, não podemos negar a contribuição dos países africanos lusófonos para o atletismo nacional.

Ao analisar-se o estado de desenvolvimento do atletismo nas ex-colónias portuguesas, pode-se encontrar uma das razões pela qual a fuga de músculos assume as proporções descritas. Veja-se Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, dois estados insulares que, apesar de demonstrarem potencial humano e desportivo²⁶, não têm as infra-estruturas nem o enquadramento político e económicos necessários para o desenvolvimento de atletas de topo. Neste círculo podemos incluir Timor Leste e Guiné-Bissau.²⁷ Em oposição temos o Brasil, que neste momento já tem características de centro do sistema migratório e é por si só uma potência desportiva regional, com um nível de competitividade elevado, que consegue oferecer os incentivos básicos de modo a permitir o desenvolvimento e manutenção dos seus atletas²⁸. Angola, por sua vez, encontra-se em forte expansão económica e tem feito investimentos significativos no desporto nacional. No entanto, há que destacar a mudança de nacionalidade desportiva a favor da França, por parte de Teresa Nzola Meso Ba em 2003. Moçambique é um caso *sui generis*, pois o país tem uma das melhores atletas de todos os tempos, Maria de Lurdes Mutola, que apesar da sua preparação e evolução ter sido realizada no estrangeiro, esta nunca mudou de nacionalidade desportiva acatando conselho de seu pai:

²⁶ Verificada pela sua contribuição para com o atletismo português

²⁷ Questão: quando estes países tiverem condições de formação e desenvolvimento de atletas ao mais alto nível, não fará com que a fuga de músculos se exacerbe, como acontece, por exemplo, com Cuba ou outros países das Caraíbas?

²⁸ Por exemplo a LEI Nº 10.891, de 9 de Julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta, que por sua vez trava a saída dos seus atletas

“Lurdes Mutola recebe um conselho do pai, que a pede em confissão para prometer e jurar nunca mudar a sua nacionalidade. João Mutola disse a Maria de Lurdes Mutola que o país de que ela é originária é pobre e não lhe poderá oferecer tanto quanto os outros países poderiam oferecer-lhe, mas o amor e o carinho que o país tem por Lurdinhas não tem preço e nenhum dinheiro no mundo poderá comprar a emoção e amor de um povo.”²⁹

5.2. Motivações pessoais, sociais e económicas

5.2.1. O Sonho Olímpico e as condições para a prática desportiva

A nível micro-sociológico são múltiplas as determinantes do fenómeno. Antes de mais, os atletas são motivados por aspirações e valores que o dinheiro não deveria conseguir comprar, ou seja, ter o seu nome gravado na história, pela simples participação num evento como os Jogos Olímpicos, Campeonatos do Mundo, ou simplesmente ter acesso a um quadro competitivo mais elevado. Por vezes, isso só será possível através da mudança da nacionalidade desportiva.

Não menos importante é o subdesenvolvimento dos países de origem, que tem implicações nas condições para a prática desportiva, reflectindo-se, por exemplo, na falta de treinadores e pessoal técnico especializado, a inexistência e/ou desajustamento de instalações desportivas que permitam a prática e desenvolvimento da modalidade, o

²⁹ O texto integral poderá ser consultado em: <http://flimport.withtank.com/o-legado/>

que acaba por se traduzir numa incapacidade de treino e de se organizarem competições de alto nível. Por exemplo, em Portugal, só no distrito de Lisboa, existem, pelo menos, oito pistas de atletismo de Ar Livre, enquanto que Cabo Verde, país de origem de muitos dos desportistas que compõem a selecção portuguesa, apenas passou a dispor de uma pista de atletismo em *tartan* em Abril de 2012 na Ilha do Sal, perspectivando-se uma outra na Ilha de Santiago ainda no decorrer do ano 2012, através da cooperação chinesa.

Neste seguimento, aos desportistas com aspirações internacionais, resta-lhes apenas emigrar para países mais desenvolvidos, de forma a conseguir beneficiar das melhores condições possíveis, desde condições de treino, tratamento médico, melhores competições, etc., e conseqüentemente obter mais benefícios decorrentes da prática desportiva. No caso dos jovens que nasceram em Portugal ou que vieram para este país muito novos, raramente se chega a equacionar a hipótese de ida para o país de origem ou de mudança de nacionalidade desportiva³⁰.

No caso dos atletas portugueses que já haviam representado outra selecção nacional, podemos destacar os seguintes testemunhos:

- Com dupla nacionalidade, já representou a sua selecção de origem, afirma que a sua mudança para a selecção portuguesa se deveu ao facto de se “identificar com Portugal”. No entanto, não hesita em afirmar que se a sua selecção de origem oferecesse as mesmas condições que Portugal, representá-la-ia pois “seria mais prestigiante”. O facto é que isso não acontece, e Portugal “oferece mais motivação e competitividade”.

³⁰ A não ser que prevejam alguma vantagem como, por exemplo, mais facilidade em participarem competições internacionais.

– De ascendência cabo-verdiana, mas nascido em Portugal obteve a nacionalidade aos 18 anos. Para ele foi “um orgulho enorme passar a representar Portugal mas por causas das leis “pensei representar Cabo Verde”

5.2.2. O factor económico

No factor económico podemos destacar os incentivos pecuniários, salários, etc. Se ao permanecerem e /ou competirem pelos seus países de origem, a maioria dos desportistas muito dificilmente receberá qualquer incentivo pecuniário/monetário para a prática da modalidade, ao emigrarem e/ou mudarem de nacionalidade desportiva e passarem a competir, neste caso em/por Portugal, os incentivos são compensatórios. Estes passam pelos subsídios atribuídos pela FPA, Instituto do Desporto de Portugal (IDP) e Comité Olímpico de Portugal (COP), mas também pela possibilidade de representarem um clube desportivo, nomeadamente o Sport Lisboa e Benfica (SLB) e Sporting Clube de Portugal (SCP), do qual poderão receber um salário e outras vantagens³¹.

Em adição, e dependendo das competições, o atleta poderá ainda receber prémios, nomeadamente nos designados *meetings* de atletismo, tanto a nível nacional³², como a nível internacional³³. Para além das compensações acima referidas, existe ainda

³¹ Nomeadamente acesso a tratamento médico; acesso a universidades privadas a custo zero; obtenção de prémios diversos (telemóveis, material desportivos, etc.).

³² Em Portugal existe o designado “Circuito de *Meetings Premium*”, um conjunto de jornadas de atletismo realizadas por múltiplas associações regionais, cuja participação (no máximo de *meetings* possíveis) e classificação individual permitirá a obtenção de determinado valor monetário (variando de competição para competição). Para uma melhor compreensão ver: http://fpatletismo.sapo.pt/cache/cachebin/Brochura_Regulamento_CMP_Premium_2012-4273.pdf

³³ A nível internacional o mais conhecido dos circuitos designa-se de *Diamond League*. No entanto existe uma multiplicidade de *meetings* por todo o mundo. Para uma melhor compreensão ver: <http://www.iaaf.org/news/kind=101/newsid=49541.html>

a possibilidade dos atletas recorrerem aos mais variados apoios individuais e patrocínios que podem advir de entidades públicas e privadas, como é o caso das juntas de freguesia, câmaras municipais, marcas de equipamento e suplementação desportiva.

Alguns dos testemunhos que recolhemos vão neste sentido. Por exemplo, um dos atletas entrevistados, de ascendência guineense tem dupla nacionalidade e também já representou a sua selecção de origem. Mas passou a representar Portugal “por questões de sobrevivência” e porque a FPA “ajudaria a acelerar o processo de obtenção da nacionalidade portuguesa para menos de um ano”, o que lhe daria mais tranquilidade.

5.2.3. O factor social

Como vimos, a grande maioria dos atletas de origem estrangeira que têm vindo a compor a selecção portuguesa de atletismo são imigrantes de segunda geração ou pertencentes à categoria da geração 1.5, ou seja, filhos de imigrantes que nasceram no estrangeiro, mas que vieram para Portugal em tenra idade. Por esta razão, os factores que explicam a sua participação no atletismo português são de outra ordem.

Tendo em conta a percepção geral relativamente ao maior insucesso escolar das minorias imigrantes pertencentes aos países lusófonos, nota-se no desporto neste caso, o atletismo, uma forma de concretização e realização social, que se traduz numa evolução no status social. Segundo Batalha (2004:315), “Grande parte dos jovens da segunda geração cabo-verdiana que completa a instrução básica obrigatória não adquire qualquer preparação para o desempenho de uma actividade específica, apesar de lhe terem sido inculcadas expectativas de vida de classe média urbana. Isto é algo que também acontece

com outras segundas gerações filhas de imigrantes...” O desporto pode ser assim uma das melhores vias de *mobilidade ascendente* disponíveis para os descendentes de imigrantes, por comparação com os nativos.

A questão da diferença entre homens e mulheres também é relevante, pois, como vimos, são sobretudo as mulheres de origem imigrante que se têm destacado no atletismo português. Isto talvez suceda porque, no panorama do desporto nacional, os descendentes de imigrantes do sexo masculino estão mais interessados no futebol. Este desporto está mais direccionado ao género masculino em Portugal, enquanto no atletismo existe igualdade de oportunidades para ambos os géneros.

Resta saber se existe realmente uma comunhão dos benefícios obtidos no desporto com o futuro destes atletas. Os jovens deveriam ter o objectivo de conciliar o desporto com a formação e o aprovisionamento de recursos para a vida pós desportiva, de modo a que haja uma transição saudável para o mundo do trabalho e não para a exclusão. Mas deve notar-se que o descuido com o futuro é um fenómeno que não está limitado apenas a atletas com origem na imigração, pois são vários os casos de atletas de topo, como Paulo Guerra e Carlos Calado, que ficaram numa situação precária após deixarem de competir a alto nível.

Em oposição, podemos destacar o exemplo de atletas que já investiram no seu futuro³⁴. Além disso, muitos atletas têm aproveitado para exercer outras actividades além do atletismo como por exemplo, servirem de modelos. Outro facto importante é que parte significativa destes atletas frequentam o ensino superior, uns beneficiando de parcerias existentes entre os clubes que representam (SCP e SLB) e algumas

³⁴ Por exemplo o caso de Naide Gomes com a recente inauguração de um restaurante, o “NG7 JUMP”, dedicado à cozinha tradicional de São Tomé e Príncipe, de onde a atleta é natural.

universidades, outros através do investimento do rendimento que obtêm do atletismo, o que demonstra a sua preocupação com o período pós carreira desportiva. Isto remete-nos para um facto interessante, ou seja, o *muscle drain* acabará por se tornar, no longo prazo, em *brain drain*.

6. Áreas de cooperação entre as organizações/instituições desportivas lusófonas

Alguns dos problemas estruturais que dificultam o desenvolvimento do atletismo nos PALOPS variam entre o número diminuto de treinadores qualificados, a falta de instalações e equipamento adequados à prática desportiva, e a falta de acções de formação, indispensáveis ao desenvolvimento dos quadros. Em adição à falta de instalações desportivas que facilitem o treino sistematizado, existe também falta de equipamento desportivo que permita a realização de competições regulares, com o mínimo de condições que possibilitem o aumento do desempenho dos desportistas e consequente desenvolvimento das capacidades atlético - desportivas.

Nestes países o investimento no atletismo é muito inferior a Portugal, visto que o desenvolvimento desta modalidade não é uma prioridade política. Esta situação traduz-se num ciclo vicioso, em que o fraco investimento no desporto reflecte-se em menores potencialidades ou oportunidades para os atletas desenvolverem o seu talento. Isto significa que as perspectivas de os atletas prosseguirem com as suas carreiras nos seus países de origem serão escassas. Assim, a incapacidade de estes países produzirem os seus próprios atletas repercute-se num menor investimento, debilitando ainda mais o desenvolvimento das estruturas desportivas locais e os possíveis percursos desportivos locais. Estes países perdem a capacidade de reter o seu talento, perdendo-o para os países desenvolvidos.

Além do mais, o *deficit* tecnológico nestes países torna-se extremamente problemático. Segundo Munasinghe (2001) é o progresso tecnológico, aliado à

globalização, ou seja, a entrada de atletas de múltiplos países nas competições, que permite aos desportistas baterem recordes do mundo, e não apenas o aumento do número de desportistas na prática desportiva:

“Track and field has seen impressive technical progress and globalization. Technical progress has included better running surfaces; better shoes and equipment; improved training techniques, nutrition, and medical care; the banning of smoking during indoor competition; more accurate recording devices; and softer landing pits for jumps and vaults. Globalization is evident in the emergence of competitors from such areas as East Africa, North Africa, Eastern Europe, China, and the Caribbean countries.” (Munasinghe, 2001:1138)

Enquanto os países em desenvolvimento, fornecem a matéria-prima, ou seja, os desportistas, aos clubes e selecções nacionais dos países desenvolvidos, é o desenvolvimento tecnológico do Ocidente que permite a desenvolvimento da performance desportiva. Assim, independentemente do aumento do número de desportistas participantes, serão sempre os desportistas com maior possibilidade de acesso aos recursos tecnológicos que terão melhores possibilidades de vingar. E o acesso à tecnologia de ponta está nos países desenvolvidos.

6.1. Cooperação *top-down* ou *bottom-up*

Portugal já foi base de um dos Regional Development Center (RDC) da IAAF, sendo este direccionado para os países africanos de expressão portuguesa. O principal objectivo seria criar condições que permitissem que o maior número de desportistas, dos

países em questão, expressasse o seu potencial desportivo e obtivesse o máximo de benefícios possíveis através do atletismo. No entanto, este centro deslocou-se para Dakar, Senegal, visto que tinha apenas cariz de *Temporary RDC*³⁵.

Estes RDC funcionam como uma filial da IAAF nas regiões em que estão presentes, prestando apoio às Federações Membro as suas actividades desdobram-se nos seguintes pontos:

- contacto regular com as Federações Membro da região;
- organização de curso e seminários para treinadores e técnicos oficiais;
- organização de seminários e workshops para outro pessoal técnico das Federações Membro tais como, secretários geral, organizadores de competições, estatísticos, pessoal médico, etc.;
- coordenação de cursos básicos para treinadores, juízes, etc., nos países da região;
- publicação de boletins técnicos e outros materiais;
- projectos de pesquisa
- realização de estágios para jovens desportistas;

Apesar dos pontos anteriores estarem relativamente bem estruturados, os objectivos que prosseguem não são efectivamente alcançados devido ao facto de os países chave carecerem das infra-estruturas e recursos humanos necessários ao desenvolvimento da modalidade. Neste seguimento, será mais eficiente a alteração destes objectivos gerais por objectivos mais adequados às realidades de cada um dos

³⁵ Portugal foi base do RDC até que a África Ocidental tivesse condições para acomodar esta instituição. Em adição, os dirigentes africanos não achavam positivo que um RDC para a região ficasse localizado na Europa.

países em questão, passando assim de uma cooperação *top-down* para *bottom-up*, deixando de parte as estratégias *one size fits all*.

A verdade é que, apesar de o RDC ter sido deslocado para o Senegal, continua a ser Portugal a dar formação aos PALOP por causa da proximidade linguística. No entanto, conforme opinião de um dos técnicos envolvidos no processo “...apesar desta parceria estar a funcionar desde 1993, não houve avanços significativos no atletismo destes países...”; “...independentemente dos problemas estruturais, não há vontade para mudar...”. O técnico vai ainda mais longe, criticando o método dos seminários imposto pela IAAF: “Os seminários não levam a lado nenhum. Os treinadores assistem, mas depois a informação não é aplicada... Deveriam implementar projectos contínuos no terreno, com um técnico presente durante um período de, pelo menos, três meses...”.

Connor (2011) vai ainda mais longe, afirmando:

“The activities of the IAAF are not, in effect, development aid and therefore will not benefit the vast majority of the inhabitants of the Third World. The money spent is unlikely to create any flow-on effects given the obstacles to development present in such countries. As such, the professed aims of the IAAF must come into question, and we are compelled to ask what the underlying reasons and strategies for the RDCs and development rhetoric are.” (Connor, 2011:811)

A realidade é que, apesar da acção levada a cabo pelo RDC ser feita por técnicos portugueses, na verdade esta cooperação não está a ser feita por organizações portuguesas, mas sim internacionais, neste caso a IAAF.

Outras possibilidades de cooperação resultam da existência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Entre os estados membro da CPLP foi assinado o

“Acordo de Cooperação no Domínio da Juventude e do Desporto” da CPLP (30-06-2007), que no seu artigo 8/b institui a seguinte cooperação:

art.º 8/b

b) Na área do Desporto:

i) A colaboração e formação no âmbito da administração pública, mediante a participação em cursos, seminários, estágios ou conferências que sejam de mútuo interesse;

ii) A troca de peritos e técnicos nas diferentes áreas e modalidades desportivas;

iii) A realização de estágios junto de clubes, associações ou federações desportivas.

iv) A promoção de intercâmbios no âmbito da implementação de Políticas Públicas do Desporto e dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio;

Infelizmente o referido acordo não se manifesta na orgânica das federações envolvidas, existindo apenas um acordo tácito. De acordo com um dos técnicos nacionais, “...existe um acordo de cavalheiros que deveria ser institucionalizado”, que permite que alguns atletas com origem nos PALOP, que representam as suas selecções nacionais mas que treinam em Portugal, possam ter acesso a certos privilégios a par dos seus colegas portugueses, nomeadamente o acesso a tratamento médico, fisioterapia e participação em estágios e concentrações desportivas, praticamente a custo zero.

Um dos dirigentes entrevistados não receia afirmar que todos os atletas com origem na imigração que representam Portugal são “portugueses de gema”, o que não

impede a cooperação, se bem que informal, entre as várias federações de atletismo da CPLP. Mas a constante procura de cooperação por parte de algumas federações dos PALOP traduz-se no que designa de “colonização solicitada”, pois estes países tendem a importar o modelo português. Em oposição, outros dos dirigentes afirma que a “colonização solicitada” não faz sentido, visto que “...esta relação deriva da proximidade destes povos, que se traduz num denominador comum, que é a língua portuguesa.”

Com base nas entrevistas efectuadas, foram identificadas várias possíveis formas de cooperação entre as organizações. A grande maioria dos atletas afirma que deveria ser criado na FPA um “Departamento de Apoio aos Atletas dos PALOP”, com o intuito de detectar talentos, enquadrá-los a nível técnico e, se possível, ter um papel mais activo ao nível social, visto que muito deste atletas começaram por enfrentar dificuldades várias³⁶. Tal como referido por um desses atletas, “Antes do atleta, está o homem!”. O facto é que os atletas demonstram preocupação para com esta matéria. Apesar de apoiarem a criação do departamento, rapidamente afirmam que deverão ser tomadas medidas para que “...os novos atletas não «fujam»”. Em adição, sugerem a intensificação de programas de formação, estágios conjuntos entre atletas dos vários países e investimento em competições.

³⁶ Alguns exemplos dessas dificuldades são a permanência ilegal no país, enquadramento escolar, acesso aos recintos desportivos e fisioterapia, entre outros.

6.2. Cooperação entre atletas e os países de origem

Os atletas entrevistados mostraram-se receptivos em contribuir para o desenvolvimento do desporto e participar em acções de sensibilização para a prática desportiva em Portugal e nos países de origem nos PALOP. Afirmaram que estariam dispostos a fazer parte de uma organização não governamental (ONG) que utilizasse o desporto como ferramenta social direccionada ao desenvolvimento, pois têm noção da importância que o desporto tem nas suas vidas. Neste seguimento podemos destacar algumas iniciativas individuais nomeadamente a acção levada a cabo por Nélson Évora, ao organizar um jantar/leilão³⁷ no âmbito do projecto *Djunta Mom*, do qual o atleta é padrinho, com o objectivo de angariar fundos para doar a escolas cabo-verdianas.

Porém, os atletas entrevistados não se mostraram a favor da ajuda monetária, pois “...não se sabe onde o dinheiro vai parar”. Dão exemplos de situações em que, quando representavam os países de origem, “...iam dois atletas e uma comitiva de dez ou mais pessoas”, que muitas vezes, pouco ou nada tinham a ver com o desporto. Dão preferência ao envio de material desportivo, complementando com, por exemplo, material escolar.

O investimento dos ganhos obtidos em competições internacionais por parte dos atletas, em empresas locais e bens imóveis, tornou-se um fenómeno em alguns países em desenvolvimento, especialmente na África. Por exemplo, os ganhos dos atletas quenianos que competem no circuito mundial na cidade de Eldoret têm ajudado a

³⁷ Nesse evento foram leiloados um Kit de fotografias pessoais de Nelson Évora, um fato de competição de Portugal usado pelo próprio, e um dos ténis de bicos com que se sagrou campeão do mundo em Osaka, tendo sido arrecadados dez mil euros.

desenvolver a economia local e direccionado investimentos em sectores chave que são a salvação da economia local. No caso de Eldoret, a economia local é amplamente baseada em actividades agrícolas. Muitos atletas quenianos de Eldoret têm investido os seus ganhos na compra de terrenos agrícolas e / ou negócio locais. Além disso, muitos atletas têm investido no desenvolvimento do atletismo, através da criação de centros de formação (Kip Keino Foundation)³⁸ para desenvolver novos talentos.

A nível nacional, existe vontade por parte dos atletas em investir, independentemente da forma, no país de origem dos seus ascendentes ou no seu próprio país de origem. No entanto a motivação é muitas vezes travada pelos obstáculos burocráticos e pelo fantasma da corrupção. Podemos enunciar alguns exemplos de investimentos efectuados em Portugal. Temos projectos de cariz altruísta, como é o caso da marca ObiSpeed³⁹ e da Fundação Francis Obikwelu cuja missão é:

“...criar condições e oportunidades a crianças e jovens para crescerem no mundo do desporto, das artes e da cultura.”

Para além disso, os atletas mostram-se receptivos em participar em acções de sensibilização para a prática desportiva em Portugal e nos países de origem, pois têm noção da importância que o desporto “...como ferramenta social” teve nas suas vidas.

³⁸ Reportagem do projecto com suporte vídeo poderá ser consultada em:

<http://edition.cnn.com/2011/11/14/world/africa/av-kip-keino/index.html?iref=allsearch>

³⁹ Obispeed by Obikwelu, é uma marca solidária que pretende ajudar crianças carenciadas com o sonho de se tornarem atletas. A iniciativa consiste, para já, na venda de material sendo que 10% das vendas revertem a favor da Fundação Aragão Pinto, uma instituição de solidariedade social que tem como missão ajudar na integração social de crianças e jovens carenciados e/ou com deficiência através do desporto. No próximo ano pretende lançar uma linha de roupa desportiva

7. Conclusões e recomendações

O contributo dos atletas com origem na imigração é extremamente importante para o atletismo português, principalmente no sector feminino. Essa contribuição reflecte-se na evolução da modalidade, no que diz respeito aos recordes nacionais, à participação em competições internacionais e à obtenção de resultados e medalhas que permitem ao país protagonismo no plano desportivo internacional.

A intensa contribuição de atletas com origem na imigração, principalmente dos países africanos de língua oficial portuguesa, deriva de vários factores. Entre estes contam-se, em primeiro lugar, factores micro-sociológicos, nomeadamente a procura de melhores condições de vida e, mais ligado ao desporto, o acesso a melhores condições para a prática desportiva e possibilidade de fazer parte de um quadro competitivo mais intenso. Em segundo lugar, existem factores macro-sociológicos, nomeadamente pela existência do sistema migratório lusófono, pautado pelas diferenças de desenvolvimento e rendimento dos países envolvidos. Para além disso, os motivos variam consoante o tipo de migração. Se aos atletas que migram já formados se aplicam as explicações clássicas dos percursos migratórios, aos que pertencem à segunda geração e à geração 1,5 aplicam-se condicionalismos resultantes da sua vida social em Portugal.

Apesar da forte presença de atletas com origem nos países africanos de língua oficial portuguesa, a cooperação entre as organizações desportivas dos países envolvidos ainda tem amplo espaço para desenvolvimento. Na realidade, apesar de já haver legislação a nível supra estatal que institui a cooperação na área desportiva, a nível das organizações a cooperação existe apenas de forma informal.

7.1. O direito de compensação por valor desportivo

Andreff (2005) apresentou o que designou de “Coubertoin Tax”, com o objectivo de:

“...to alleviate, along with some of the financial problems of developing countries, the aforementioned problem of the muscle drain.” (Andreff, 2005:9)

Muito sucintamente, a referida taxa, deverá retirar um por cento do valor relativamente às transferências de desportistas de um país em desenvolvimento para um país desenvolvido, com a finalidade de:

- Cobrir despesas de educação e treino dos jovens desportistas no país de origem;
- Abrandar a migração de atletas de países menos desenvolvidos para países desenvolvidos;
- Desincentivar a transferência de jovens atletas ou crianças;
- Contribuir para o desenvolvimento do desporto nos países de origem.

A nível nacional, a FPA, no seu Regulamento de Inscrições⁴⁰, artigo 3, institui o “Direito à Compensação”. Em suma, trata-se da obrigatoriedade do pagamento de um montante referente ao valor desportivo acumulado do atleta, caso haja uma transferência

⁴⁰ Documento disponível para consulta em:
http://fpatletismo.sapo.pt/cache/cachebin/Regulamento_Inscricoes_2012_2013-4977.pdf

de clube. Esta abordagem poderia ser adoptada pelos organismos supra-estatais e transferido para a orgânica das organizações desportivas, no mesmo âmbito que a *Coubertoin Tax*.

Seria interessante, num futuro próximo, e tendo em conta que haverá eleições para as principais organizações envolvidas (FPA e COP), estudar o desenvolvimento das relações das últimas com as congéneres dos restantes países da CPLP. Quanto aos atletas, seria pertinente alargar o universo em estudo, não só para atletas de alta competição, mas também para todos os escalões etários. Certamente chegaríamos a conclusões interessantes. Em adição, a nível sociológico, poder-se-ia efectuar estudos comparativos entre os percursos de vida de antigos atletas e os novos valores.

Referências bibliográficas

- ANDREFF, Wladimir (2001). "The Correlation Between Economic Underdevelopment and Sport". In: *European Sport Management Quarterly*, 1(4): pp. 251-279
- ANDREFF, Wladimir (2002). "Sport Underdevelopment in Developing Countries and the «Muscle Drain»". In: *4th Conference of the International Association of Sport Economists*, Columbia University, New York, July 11-12
- ANDREFF, Wladimir (2005). "A Coubertoin Tax Against Muscle Drain". In: *4th Play the Game Conference: Governance in Sport: The Good, the Bad & the Ugly*, Copenhagen, 6-10 November
- ANDREFF, Wladimir (2006). "Sport in Developing Countries". in Andreff, W. and Szymanski, S. *Handbook on the Economics of Sport*. Cheltenham: Edward Elgar, pp. 308-315
- BAGANHA, Maria I. (2009). "The Lusophone migratory system: patterns and trends." In: *International Migration*. 47(3): pp. 5 - 20
- BALE, John (1991). *The Brawn Drain: Foreign Students-Athletes in American Universities*, Chicago, University of Illinois Press
- BATALHA, Luís (2004). "Contra a corrente dominante: histórias de sucesso entre cabo-verdianos da segunda geração". In: *Etnográfica*, 8(2): pp. 297-333.
- BERRY, R. Albert e SOLIGO, Ronald (1969). "Some welfare aspects of international migration", In: *Journal of Political Economy*, 71, 778-794.
- BHAGWATI, Jagdish N. (1976), *Taxing the Brain Drain, Vol 1: A Proposal*, Amsterdam, North Holland Publishing Co.
- BHAGWATI, Jagdish N. e Hamada, Kichi (1974). "The Brain Drain, International Integration of Markets for Professionals and Unemployment: A Theoretical Analysis". In: *Journal of Development*, 1(1): pp. 19-42
- BHAGWATI, Jagdish N. e Rodriguez, Carlos (1975). "Welfare-theoretical analyses of the brain drain". In: *Journal of Development Economics*, 2, pp. 195-221
- BECKER, Gary S. (1964). *Human Capital*, New York, Columbia University Press.
- CARDOSO, Carlos P. (2000). *História do Atletismo em Portugal*. Lisboa, Clube do Coleccionador dos CTT - Correios de Portugal

CONNOR, John. e GRIFFIN, A.; (2009). “The Muscle Trade: International Track and Field Athlete Mobility, Colonialism and Development”. In: *The Australian Sociological Association (TASA) Annual Conference*, Canberra, 1–4 December

CONNOR, John. e MCEWEN, M.; (2011). “International development or white man's burden? The IAAF's Regional Development Centres and regional sporting assistance”. In: *Sport in Society*, 14(6): pp. 805-817

CASTLES, Stephen e MILLER, Mark J. (2003). *Age of migration: international population movements in the modern world*. Basingstoke, Palgrave Macmillan.

FINDLAY, A.M.; et al (1996), “Skilled international migration and the global city: a study of expatriates in Hong Kong” in *Transactions of the Institute of British Geographers*, Volume 21, 1, pp. 49-61

GOFF, P. (2006) “880 days to go”. In: *South China Morning Post*, 12 March 2006.

GÓIS, Pedro; MARQUES, J. C.; (2007). *Imigrantes altamente qualificados em Portugal: estudo prospetivo*. Lisboa: ACIDI, IP.

KRITZ, Mary M. e ZLOTNIK, H.; (1992). “Global interaction: migratory systems, processes, and policies”. In: *M.M. Kritz et al. (Ed.), International Migration Systems. A Global Approach*, Oxford, Clarendon Press, pp. 1-16

LADAME, Paul A. (1970). “Contestée: La circulation des élites”. In: *International Migration Review*, 8(1/2): pp. 39-49.

LUCAS, Robert (1988). “On the Mechanics of Economic Development”. In: *Journal of Monetary Economics*, 22, pp. 3-42.

MUNASINGHE, L. et al (2001). “Globalization and the Rate of Technological Progress: What Track and Field Records Show”. In: *Journal of Political Economy*, 109, pp. 1132-1149

NOLASCO, Carlos (2010). "Migrantes de calções e chuteiras: dinâmicas migratórias do futebol português". In: *O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/ FEUC/ FLUC* (4)

PEIXOTO, Joao (1999), *A mobilidade internacional dos quadros migrações internacionais, quadros e empresas transnacionais em Portugal*, Oeiras, Celta.

PEIXOTO, Joao (2004). “As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro Sociológicas”. Lisboa, SOCIUS/ISEG-UTL *working papers* nº 11/04

PEIXOTO, Joao (2009). “A demografia da população imigrante em Portugal”. In: *M. F. Lages e A.T. Matos, Portugal: Percursos de Interculturalidade*, 2, Lisboa: ACIDI

- PETRAS, Elizabeth McLean (1981). "The global labour market in the modern world economy". In M.M. Kritz et al. (Ed.), *Global Trends in Migration – Theory and Research on International Population Movements*, New York, Center for Migration Studies, pp. 44-63
- POLI, Raffaele (2004). "L'Europe à travers le prisme du football. Nouvelles frontières circulatoires et redéfinition de la nation" In: *Cybergeo* (294): European Journal of Geography, Political, Cultural and Cognitive Geography
- POLI, Raffaele (2007). "Migrations de footballeurs et mondialisation: du système monde aux réseaux sociaux". In: *Mappemonde*, 88
- POLI, Raffaele et al (2010). "Comprendre les mécanismes des migrations « globales » africaines. Les trajectoires transnationales et la diversification des filières". In *L'Afrique, la mondialisation et le ballon rond*, *Afrique Contemporaine*, 1,
- RAVENSTEIN, Ernest G. (1885). "The laws of migration". In: *Journal of the Royal Statistical Society*, 8(2): pp. 167-227
- RAVENSTEIN, Ernest G. (1889). "The laws of migration". In: *Journal of the Royal Statistical Society*, 52(2): pp. 241-301
- ROMER, Paul M. (1986). "Increasing returns and long-run growth". In: *The Journal of Political Economy*, 94(5): pp. 1002-1037.
- SHACHAR, Ayelet (2011). "Picking Winners: Olympic Citizenship and the Global Race for Talent". In: *Yale Law Journal*, 120, pp. 2088-2139
- SCHOTE, Manuel (2006). "La question des changements de nationalité d'athlètes comme révélateur de l'ancrage national du sport. Approche socio-historique". In: Hoswald D. *La nationalité dans le sport*. Neuchâtel (Suisse): Editions du CIES
- SCHOTE, Manuel (2007). "La construction d'un espace international de migrations sportives: les coureurs marocains en France", In: *Migrations Société*, 19(110): pp. 69-80.
- SCHOTE, Manuel (2008). "Les migrations athlétiques comme révélateur de l'ancrage national du sport. Les coureurs africains dans l'athlétisme européen", In: *Sociétés contemporaines*, 69, pp. 101-124
- SCHULTZ, Theodore W. (1960). "Capital Formation by Education" In: *Journal of Political Economy*, 68(6): pp. 571-583

STRAUBHAAR, Thomas (2000). “International mobility of the highly skilled: brain drain, brain gain or brain exchange?”. In: *Hamburgisches Welt-Wirtschafts-Archiv*, Discussion Paper, 88.

WALLERSTEIN, Immanuel (1979). *The Capitalist World Economy*, Cambridge, Cambridge University Press

WALLERSTEIN, Immanuel (1986), “Espaço Económico”. In: *Enciclopédia Einaudi*, 7, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda

Anexo 1

TABELA 1 - SELECÇÕES NACIONAIS FEMININAS NA TAÇA DA EUROPA/CAMPEONATO DA EUROPA DE EQUIPAS DE 2000 A 2011												
Ano/Disciplina	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
100 metros	Severina Cravid	Severina Cravid	Severina Cravid	Severina Cravid	Severina Cravid	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares
200 metros	Severina Cravid	Mª Carmo Tavares	Mª Carmo Tavares	Severina Cravid	Carla Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Carla Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares
400 metros	Natália Moura	Tânia Freitas	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Mª Carmo Tavares	Joana Frias	Mª Carmo Tavares	Carla Ratão	Joceline Monteiro	Mª Carmo Tavares	Vera Barbosa	Cátia Nunes
800 metros	Carla Sacramento	Nédia Semedo	Sandra Teixeira	Sandra Teixeira	Nédia Semedo	Mª Carmo Tavares	Sandra Teixeira	Mª Carmo Tavares	Mª Carmo Tavares	Sandra Teixeira	Sandra Teixeira	Sandra Teixeira
1500 metros	Carla Sacramento	Carla Sacramento	Jéssica Augusto	Carla Sacramento	Carla Sacramento	Sandra Teixeira	Sandra Teixeira	Sandra Teixeira	Sandra Teixeira	Sara Moreira	Jessica Augusto	Sara Moreira
3000 metros	Anália Rosa	Mónica Rosa	Inês Monteiro	Ana Dias	Jessica Augusto	Jessica Augusto	Jessica Augusto	Jessica Augusto	Jessica Augusto	Inês Monteiro	Sara Moreira	Dulce Félix
5000 metros	Ana Dias	Ana Dias	Ana Dias	Fernanda Ribeiro	Fernanda Ribeiro	Fernanda Ribeiro	Fernanda Ribeiro	Jessica Augusto	Fernanda Ribeiro	Dulce Félix	Fernanda Ribeiro	Dulce Félix
100 metros - bar	Isabel Abrantes	Isabel Abrantes	Sónia Machado	Isabel Abrantes	Isabel Abrantes	Severina Cravid	Naide Gomes	Mónica Lopes	Patrícia Vieira	Eva Vital	Eva Vital	Patrícia Mamona
400 metros - bar	Tânia Freitas	Mª Carmo Tavares	Mª Carmo Tavares	Mª Carmo Tavares	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Vera Barbosa
3000 metros - obs	n/a	n/a	Anália Rosa	Anália Rosa	Anália Rosa	Clarisse Cruz	Inês Monteiro	Sara Moreira	Sara Moreira	Sara Moreira	Jessica Augusto	Sandra Teixeira
altura	Sónia Carvalho	Sónia Carvalho	Sónia Carvalho	Sónia Carvalho	Sónia Carvalho	Sónia Carvalho	Marisa Anselmo	Marisa Anselmo	Marisa Anselmo	Marisa Anselmo	Catarina Costa	Marisa Anselmo
vara	Elisabete Tavares	Elisabete Tavares	Elisabete Tavares	Elisabete Tavares	Elisabete Tavares	Elisabete Tavares	Elisabete Tavares	Elisabete Tavares	Sandra Tavares	Sandra Tavares	Elisabete Tavares	Mª Eleonor Tavares
comprimento	Marta Godinho	Marta Godinho	Naide Gomes	Naide Gomes	Naide Gomes	Patrícia Mamona	Naide Gomes	Naide Gomes	Naide Gomes	Naide Gomes	Naide Gomes	Naide Gomes
tríplo	Sandra Turpin	Sónia Carvalho	Sandra Cruz	Marta Godinho	Marta Godinho	Susana Costa	Patrícia Mamona	Marta Godinho	Susana Costa	Patrícia Mamona	Patrícia Mamona	Patrícia Mamona
peso	Teresa Machado	Teresa Machado	Teresa Machado	Teresa Machado	Teresa Machado	Antónia Borges	Antónia Borges	Dulce Cá	Antónia Borges	Antónia Borges	Antónia Borges	Antónia Borges
disco	Teresa Machado	Teresa Machado	Teresa Machado	Teresa Machado	Teresa Machado	Teresa Machado	Teresa Machado	Teresa Machado	Liliana Cá	Liliana Cá	Irina Rodrigues	Irina Rodrigues
martelo	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva	Vânia Silva
dardo	Helena Gouveia	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz	Sílvia Cruz
4x100 metros	Severina Cravid	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Cátia Ferreira	Mª Carmo Tavares	Carla Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Eva Vital	Eva Vital	Andreia Felisberto
	Natália Moura	Severina Cravid	Severina Cravid	Severina Cravid	Severina Cravid	Severina Cravid	Carla Tavares	Carla Tavares	Carla Tavares	Naide Gomes	Naide Gomes	Carla Tavares
	Tânia Freitas	Cátia Ferreira	Tânia Freitas	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Susana Vieira	Susana Vieira	Susana Vieira	Cátia Ferreira	Carla Tavares	Ungudi Quiawacana	Sónia Tavares
	P. Rebelo	Mª Carmo Tavares	Mª Carmo Tavares	Mª Carmo Tavares	Rafaela Almeida	Sónia Tavares	R. Almeida	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Sónia Tavares	Sónia Tavares	Naide Gomes
4x400 metros	Sandra Teixeira	Severina Cravid	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Joana Frias	Patrícia Lopes	Joana Frias	Mª Carmo Tavares	Carla Ratão	Vera Barbosa	Cátia Nunes	Carla Tavares
	Tânia Freitas	Patrícia Lopes	Sandra Teixeira	Sandra Teixeira	Nédia Semedo	Joana Frias	Mª Carmo Tavares	Carla Ratão	Joceline Monteiro	Carla Tavares	Catarina Costa	Patrícia Lopes
	Nédia Semedo	Sandra Teixeira	Tânia Freitas	Tânia Freitas	Patrícia Lopes	Mª Carmo Tavares	Carla Tavares	Patrícia Lopes	Patrícia Lopes	Joceline Monteiro	Joceline Monteiro	Cátia Nunes
	Natália Moura	Mª Carmo Tavares	Mª Carmo Tavares	Mª Carmo Tavares	Sandra Teixeira	Sandra Teixeira	Patrícia Lopes	Carla Tavares	Carla Tavares	Patrícia Lopes	Vera Barbosa	Vera Barbosa

Fonte: FPA (adaptado pelo autor)

Anexo 2

TABELA 2 - SELECÇÕES NACIONAIS MASCULINA NA TAÇA DA EUROPA/CAMPEONATO DA EUROPA DE EQUIPAS DE 2000 A 2011												
Ano/Disciplina	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
100 metros	Carlos Calado	Ricardo Alves	Carlos Calado	Ricardo Alves	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu
200 metros	Vitor Jorge	Ricardo Alves	Carlos Calado	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Arnaldo Abrantes	Arnaldo Abrantes	Arnaldo Abrantes	Arnaldo Abrantes	Arnaldo Abrantes
400 metros	Vitor Jorge	Vitor Moreno	Vitor Moreno	Vitor Moreno	Luis Freitas	Paulo Ferreira	Paulo Ferreira	Paulo Ferreira	António Rodrigues	João Ferreira	António Rodrigues	João Ferreira
800 metros	João Pires	João Pires	Fernando Almeida	Fernando Almeida	João Pires	Fernando Almeida	Tiago Rodrigues	Tiago Rodrigues	Tiago Rodrigues	Fabio Gonçalves	Fabio Gonçalves	António Rodrigues
1500 metros	Rui Silva	Rui Silva	António Travassos	Manuel Damião	Manuel Damião	Manuel Damião	Manuel Damião	Manuel Damião	Manuel Damião	Rui Silva	Hélio Gomes	Rui Pinto
3000 metros	José Ramos	Rui Silva	Rui Silva	Rui Silva	Rui Silva	Rui Silva	Rui Silva	Rui P. Silva	Ricardo Ribas	Manuel Damião	Eduardo Mbengani	Rui Silva
5000 metros	Hélder Ornelas	José Ramos	José Ramos	António Travassos	Rui P. Silva	Ricardo Ribas	Ricardo Ribas	Rui P. Silva	Rui P. Silva	Rui P. Silva	Rui P. Silva	Youssef El Kalai
110 metros - bar	Rui Palma	Rui Palma	Rui Palma	Rui Palma	Luis Sá	Luis Sá	Luis Sá	Luis Sá	João Ferreira	Luis Sá	João Ferreira	Rasul Dabó
400 metros - bar	Pedro Rodrigues	Carlos Silva	Carlos Silva	Sérgio Duro	Edivaldo Monteiro	Edivaldo Monteiro	Edivaldo Monteiro	Edivaldo Monteiro	Edivaldo Monteiro	Edivaldo Monteiro	João Ferreira	Jorge Paula
3000 metros - obs	João Junqueira	Manuel Silva	Manuel Silva	Manuel Silva	Mário Teixeira	Mário Teixeira	Pedro Ribeiro	Pedro Ribeiro	Mário Teixeira	Alberto Paulo	Mário Teixeira	Alberto Paulo
altura	Jonas Mattes	Rafael Gonçalves	Rafael Gonçalves	Rafael Gonçalves	Rafael Gonçalves	Rafael Gonçalves	Paulo Gonçalves	Rafael Gonçalves	Paulo Gonçalves	Paulo Gonçalves	Roman Guliy	Paulo Gonçalves
vara	João André	Nuno Fernandes	João André	João André	João André	João André	Filipe Gonçalves	João André	Edi Maia	Edi Maia	Edi Maia	Edi Maia
comprimento	Carlos Calado	Nouzalter Abreu	Carlos Calado	Gaspar Araújo	Gaspar Araújo	Gaspar Araújo	Nelson Évora	Nelson Évora	Nelson Évora	Nelson Évora	Marcos Chuva	Marcos Chuva
triplo	Nouzalter Abreu	Eduardo Martingo	Américo Castelbranco	Nelson Évora	Gaspar Araújo	Nelson Évora	Nelson Évora	Nelson Évora	Nelson Évora	Nelson Évora	Marcos Caldeira	Nelson Évora
peso	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes	Marco Fortes
disco	Paulo Bernardo	Paulo Bernardo	Paulo Bernardo	Paulo Bernardo	Paulo Bernardo	Paulo Bernardo	Jorge Grave	Jorge Grave	Jorge Grave	Jorge Grave	Jorge Grave	Jorge Grave
martelo	Vitor Costa	Vitor Costa	Vitor Costa	Vitor Costa	Vitor Costa	Vitor Costa	Vitor Costa	Vitor Costa	Vitor Costa	Dário Manso	Dário Manso	Dário Manso
dardo	Filipe Ventura	Filipe Ventura	André Medeiros	Filipe Ventura	Filipe Ventura	Filipe Ventura	Filipe Ventura	Hélder Pestana	Elias Leal	Elias Leal	Elias Leal	Tiago Aperta
4x100 metros	Ricardo Alves	Ricardo Pacheco	Nuno Cardoso	Ricardo Alves	n/a	Ricardo Pacheco	Ricardo Pacheco	André Destapado	Dany Gonçalves	Dany Gonçalves	Ricardo Monteiro	Arnaldo Abrantes
	Carlos Silva	Ricardo Alves	Ricardo Pacheco	Francis Obikwelu	n/a	Filipe Santos	Arnaldo Abrantes	Arnaldo Abrantes	Arnaldo Abrantes	Arnaldo Abrantes	Arnaldo Abrantes	João Ferreira
	Vitor Jorge	P. Figueiredo	Ricardo Alves	Vitor Jorge	n/a	Nuno Cardoso	Vitor Jorge	Ricardo Martins	João Ferreira	João Ferreira	João Ferreira	Yazaldes Nascimento
	Carlos Calado	Mário Barbosa	Carlos Calado	Mário Barbosa	n/a	Carlos Calado	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu	Francis Obikwelu
4x400 metros	Edivaldo Monteiro	Vitor Moreno	Ricardo Alves	Vitor Moreno	Jorge Paula	Jorge Paula	Vitor Jorge	Simão Coroa	João Merêncio	Edivaldo Monteiro	José Miranda	Ricardo Pacheco
	Luis Freitas	Sérgio Duro	Paulo Ferreira	Ricardo Alves	Luis Freitas	Francis Obikwelu	Sérgio Duro	Paulo Ferreira	Jorge Paula	António Rodrigues	Bruno Gualberto	Jorge Paula
	João Pires	Carlos Silva	Carlos Silva	Vitor Jorge	Paulo Ferreira	Edivaldo Monteiro	António Rodrigues	António Rodrigues	Edivaldo Monteiro	Bruno Gulaberto	João Ferreira	Carlos Pinheiro
	Vitor Jorge	Edivaldo Monteiro	Edivaldo Monteiro	Sérgio Duro	Edivaldo Monteiro	Sérgio Duro	Paulo Ferreira	Edivaldo Monteiro	António Rodrigues	João Ferreira	António Rodrigues	António Rodrigues

Fonte: FPA (adaptado pelo autor)

Anexo 3

TABELA 3 - RECORDES NACIONAIS MASCULINOS E FEMININOS											
MASCULINOS						FEMININOS					
PROVA	MARCA	NOME	CLUBE	LOCAL	DATA	PROVA	MARCA	NOME	CLUBE	LOCAL	DATA
100 metros	9,86	Francis Obikwelu (NG)	SCP	Atenas	22.08.2004	100 metros	11,3	Lucrecia Jardim (AO)	SCP	Atenas	02.08.1997
200 metros	20,01	Francis Obikwelu (NG)	SCP	Gotemburgo	10.08.2006	200 metros	22,88	Lucrecia Jardim (AO)	SCP	Atlanta	31.07.1996
400 metros	46,11	Carlos Silva	SLB	Lisboa (U)	22.05.1996	400 metros	51,92	Maria do Carmo Tavares (CV)	SLB	Palma de Maiorca	12.07.1999
800 metros	1.44,91	Rui Silva	SCP	San Sebastian	20.08.2002	800 metros	1.58,94	Carla Sacramento (STP)	MCM	Zurique	13.08.1997
1.500 metros	3.30,07	Rui Silva	SCP	Mónaco	19.07.2002	1.500 metros	3.57,71	Carla Sacramento (STP)	MCM	Monte Carlo	08.08.1998
5.000 metros	13.02,86	António Pinto	MCP	Zurique	12.08.1998	3.000 metros	8.30,22	Carla Sacramento (STP)	MCM	Monte Carlo	04.08.1999
10.000 metros	27.12,47	António Pinto	MCP	Estocolmo	30.07.1999	5.000 metros	14.36,45	Fernanda Ribeiro	FCP	Hechtel	22.07.1995
Maratona	2.06.36	António Pinto	MCP	Londres	16.04.2000	10.000 metros	30.22,88	Fernanda Ribeiro	FCP	Sidney	30.09.2000
3.000 m obstáculos	8.19,82	Manuel Silva	SMC	Estocolmo	27.07.2004	Maratona	2.23.29	Rosa Mota	CAP	Chicago	20.10.1985
110 m barreiras	13,47	Joao Almeida (AO)	SCP	Lisboa	08.07.2012	3.000 m obstáculos	9.18,54	Jessica Augusto	MCP	Huelva	09.06.2010
400 m barreiras	48,77	Pedro Rodrigues		Helsínquia	10.08.1994	100 m barreiras	13,14	Isabel Abrantes	SLB	Coimbra	13.08.2000
		Carlos Silva	SLB	Zurique	11.08.1999	400 m barreiras	55,81	Vera Barbosa (CV)	SCP	Ostrava	16.07.2011
Altura	2,23	Rafael Gonçalves	SLB	Leiria	01.06.2007	Altura	1,88(p.c.)	Sónia Carvalho ()	SCP	V.R.Stº.Antº	03.06.2001
Vara	5,66	Nuno Fernandes	FCP	Maia	13.07.1996	Vara	4,5	Naide Gomes (STP)	SCP	Budapeste	05.03.2004
Comprimento	8,36	Carlos Calado	SCP	Lisboa (I)	20.06.1997	Comprimento	7,12	M.Leonor Tavares (CV)	SCP	Albi	29.07.2011
Triplo	17,74	Nelson Evora (CM/CV)	SLB	Osaka	27.08.2007	Triplo-Salto	14,42	Naide Gomes (STP)	SCP	Mónaco	29.07.2008
Peso	21,02 *	Marco Fortes (CV)	SLB	Bar-Montenegro	18.03.2012	Peso	17,26 (p.c.)	Patricia Mamona (CV)	SCP	Lisboa (U)	31.07.2011
Disco	60,61	Paulo Bernardo	BA	Lisboa (U)	24.07.2005	Disco	65,4	Teresa Machado	SCP	Espinho	07.02.1998
Martelo	76,86	Vitor Costa	SCP	Reims	21.07.2004	Martelo	69,55 *	Teresa Machado	SCP	São Jacinto	03.05.1998
Dardo	75,55 *	Tiago Aperta	SLB	Bar-Montenegro	18.03.2012	Dardo	59,76	Vânia Silva	SCP	V.R.Stº.António	29.05.2011
	8213	Mário Aníbal Ramos	SLB	Kaunas	01.07.2001		6230	Silvia Cruz (CV)	SCP	Leiria	21.06.2008
Decatlo	10,96=7,23=15,24=2,01=48,49=14,80=48,33=4,80=54,55=4,28,28					Dardo	6230	Naide Gomes (STP)	SCP	Logroño	16.07.2005
10.000 marcha	39.44,91	João Vieira	SCP	Lisboa (U)	30.07.2011		Heptatlo	13,54=1,79=13,87=24,87=6,39=41,66=2,17,00			
20 Km marcha	1.20.09	João Vieira	CNRM	Gotemburgo	08.08.2006	10.000 m marcha	43.08,17	Ana Cabecinha	COP	Seixal	19.07.2008
50 Km marcha	3.45.17 *	João Vieira	CNRM	Pontevedra	04.03.2012	20 Km marcha	1.27.46	Ana Cabecinha	COP	Beijing	21.08.2008
4x100 metros	38,88	Seleção Nacional		Barcelona	01.08.2010	4x100 metros	44,7	Seleção Nacional		Leiria	20.06.2009
4x400 metros	Ricardo Monteiro (GN), Francis Obikwelu (NG), Arnaldo Abrantes (86), João Ferreira (86)					4x400 metros	Eva Vital (MC), Naide Gomes (STP), Carla Tavares (CV), Sónia Tavares (CV)				
	3.05,48	Seleção Universitária		Fukuoka	03.09.1995		3.29,38	Seleção Nacional		Barcelona	07.08.1992
Carlos Silva (74), António Abrantes (68), Mário Reis (68), Pedro Rodrigues (71)						Marta Moreira (66), Eduarda Coelho (68), Elsa Amaral (66), Lucrecia Jardim (AO)					

Fonte: FPA (adaptado pelo autor)

Anexo 4

TABELA 4 - CATEGORIA DE ATLETAS COM ORIGEM NA IMIGRAÇÃO					
Atletas Masculinos	Categoria	Naturalidade/Ascendência	Atletas Femininos	Categoria	Naturalidade/Ascendência
Américo C. Branco	geração 1.5	Angola	Andreia Felisberto	2ª geração	Cabo Verde
Bruno Gualberto	geração 1.5	Brasil	Antónia Borges	2ª geração	Cabo Verde
Edivaldo Monteiro	geração 1.5	Guiné Bissau	Carla Sacramento	2ª geração	S.T. Príncipe
Eduardo Mbengani	2ª geração	R.D. Congo	Carla Tavares	2ª geração	Cabo Verde
Elias Leal	2ª geração	N/A	Dulce Cá	2ª geração	Guiné Bissau
Fábio Gonçalves	2ª geração	Cabo Verde	Elisabete Tavares	2ª geração	Cabo Verde
Francis Obikwelu	muscle drain	Nigéria	Eva Vital	geração 1.5	Macau-China
João Merêncio	geração 1.5	Namíbia/Angola	Joceline Monteiro	2ª geração	Cabo Verde
Jonas Mates	2ª geração	Alemanha	Liliana Cá	2ª geração	Guiné Bissau
Jorge Paula	2ª geração	Cabo Verde	Mª do Carmo Tavares	2ª geração	Cabo Verde
Luis Freitas	2ª geração	N/A	Mónica Lopes	2ª geração	Angola
Marco Fortes	2ª geração	Cabo Verde	Naide Gomes	geração 1.5	S.T. Príncipe
Nélson Évora	geração 1.5	Costa do Marfim/Cabo Verde	Nédia Semedo	2ª geração	Cabo Verde
Nouzalter Abreu	2ª geração	S.T. Príncipe	Patrícia Lopes	2ª geração	Angola
Rasul Dabó	geração 1.5	Guiné Bissau	Patricia Mamona	2ª geração	Angola
Ricardo Monteiro	2ª geração	Guiné Bissau	Sandra Tavares	2ª geração	Cabo Verde
Roman Guliy	muscle drain	Ucrânia	Sandra Teixeira	2ª geração	N/A
Vitor Moreno	2ª geração	S.T. Príncipe	Sandra Turpin	2ª geração	N/A
Yazaldes Nascimento	geração 1.5	S.T. Príncipe	Severina Cravid	geração 1.5	S.T. Príncipe
Youssef El Kalai	muscle drain	Marrocos	Sílvia Cruz	2ª geração	N/A
			Sónia Tavares	2ª geração	Cabo Verde
			Susana Costa	2ª geração	S.T. Príncipe
			Ungudi Quiawacana	2ª geração	Angola
			Vera Barbosa	2ª geração	Cabo Verde

Fonte: tabela elaborada pelo autor com base nas entrevistas

Anexo 5

TABELA 5 - MUDANÇA DE NACIONALIDADE DESPORTIVA			
Nome	De	Para	Data
Lilian Silva	Angola	Portugal	10-06-2010
Vera Barbosa	Cabo Verde	Portugal	17-06-2009
Yazaldes Nascimento	S. Tomé e Príncipe	Portugal	12-06-2007
Cristophe Fernandes	França	Portugal	22-01-2003
Francis Obikwelu	Nigéria	Portugal	26-06-2002
Enezenaide Gomes	S. Tomé e Príncipe	Portugal	04-02-2002

Fonte: IAAF (adaptado pelo autor)

Anexo 6

Guião da entrevista – atleta

1. Nome
2. Data e local de nascimento
3. Idade
4. Clube
5. Disciplina
6. Currículo desportivo
7. Motivações para representar Portugal
8. O que pensa do fenómeno da fuga de músculos
9. Países de origem devem ser compensados? Como?
10. Gostaria de contribuir para o desenvolvimento do desporto dos países menos desenvolvidos? Como?

Guião da entrevista – dirigente/treinador

1. Nome
2. Data e local de nascimento
3. Organização
4. Currículo desportivo
5. Treina atletas de origem africana
6. Como vê a presença desses atletas na selecção
7. Há cooperação com os países de origem desses atletas?
8. Como vê o desenvolvimento da modalidade nesses países?
9. Gostaria de contribuir para o desenvolvimento do desporto dos países menos desenvolvidos? Como?
10. Têm conhecimento de parcerias entre as federações de atletismo dos PALOP?